

ENTREVISTA

BRUNO SENA MARTINS: DIÁLOGOS SOBRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

MARCOS ANTONIO BATISTA DA SILVA*

Marcos Antonio Batista da Silva (entrevistador) é doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e investigador em pós-doutoramento junto ao Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra, Portugal, onde integro o projeto de investigação POLITICS,¹ com pesquisas sobre a temática das relações étnico-raciais, destaca-se entre outros trabalhos, a tese de doutorado “Discursos étnico-raciais proferidos por pesquisadores/as negros/as na pós-graduação: acesso, permanência, apoios e barreiras”, de 2016, (orientação de Fúlvia Rosemberg e Bader Sawaia), e o artigo “Influência familiar e a mobilidade educacional de pós-graduandos negros”, com co-autoria de Bader Sawaia, publicado na Revista *Athenea Digital. Revista de pensamento e investigación social* (Universidade Autónoma de Barcelona) de 2018, entrevista para Revista Projeto História, o pesquisador Bruno Sena Martins numa conversa que problematiza várias questões relativas à difusão da cultura científica para o seu entorno; a colonização; o racismo; as políticas de ação afirmativa e sustentabilidade. Bruno Sena Martins é investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) - Universidade de

Coimbra (UC), co-coordenador do programa de doutoramento «Human Rights in Contemporary Societies», e docente no programa de doutoramento em «Pós-colonialismos e cidadania global». Os seus temas de investigação são o corpo, a deficiência, o colonialismo, a memória social e os direitos humanos. Esta entrevista foi realizada em 20 de fevereiro de 2019, em Coimbra, Portugal.

Entrevistador: Professor Bruno Sena Martins, observa-se que você participa da organização de um projeto intitulado “CES Vai à Escola”.² Você poderia falar um pouco sobre este projeto, como surgiu e qual é a sua importância?

Bruno Sena: Nós estamos num espaço acadêmico de investigação em que somos, hoje em dia, avaliados de uma forma muito marcada por uma certa competitividade neoliberal, em que somos avaliados pelas revistas que nós escrevemos em língua inglesa, em publicações que sejam indexadas com quartis elevados, com as publicações internacionais. E isso cria, de fato, uma lógica de avaliação de competitividade e de reconhecimento dentro da academia, que não é propenso a uma valorização da extensão. E a valorização da extensão, no fundo, tem várias dimensões, mas uma delas é, sem dúvida, reconhecer que a universidade cumpre um papel social e sem esse papel social, com as comunidades da qual é parte, a sua função social não existe. E neste ambiente em que nós temos que fazer um pouco e responder também a essas demandas quase neoliberalizantes da academia. “O CES Vai à Escola” exprime e busca reestabelecer e fortalecer esse vínculo com a comunidade. No espaço acadêmico nós, publicando ou estando em seminários, muitas vezes vemos aquilo que se chama "o circuito

do mesmo", passamos o tempo falando uns para os outros, a nossa voz, até pelo modo difícil como, muitas vezes, escrevemos só chega a espaços de elite, a espaços de outros acadêmicos ou pessoas com uma formação acadêmica elevada, e há um papel muito importante que nós temos a desempenhar, que é de dialogar, não só na perspectiva de levar o conhecimento da universidade a outros lugares, mas dialogar com os conhecimentos que existem noutros espaços sociais e noutros espaços de conhecimento, numa lógica que nós chamamos aqui até de “ecologia dos saberes”.³ Isso faz, realmente, por sair deste espaço muito fechado, que é o espaço da academia, e uma das formas de o fazer é a intervenção no espaço público. “O CES Vai à Escola” permite-nos chegar a públicos não acadêmicos, indo às escolas dos ciclos de ensino básico e ensino secundário, que vocês chamam no Brasil de ensino fundamental e médio, para falarmos da investigação que fazemos. E eu acho que esse exercício de nós falarmos da investigação que fazemos é muito rico e ajuda muito a confrontar algumas das perspectivas dominantes que são ensinadas nos currículos, no ensino médio, e também ajuda a transformar aquilo que é a ideia de ciência. A nossa ciência é eminentemente política porque não existe conhecimento que não tenha uma dimensão política, que não tome partido, que não seja situado na sociedade, não existe conhecimento neutro. E essa perspectiva que nós produzimos um conhecimento, desde a universidade, desde a academia, que é um conhecimento situado, que se posiciona perante as injustiças do mundo, eu creio que já leva uma mensagem muito forte quando nós vamos a essas escolas e vemos a reação dos estudantes. A outra dimensão, que me parece que é muito potente neste exercício de “O CES Vai à Escola”, é o fato de nós levarmos temas de desigualdade e injustiça

social que, muitas vezes, não estão tão fortemente nas agendas dos professores ou nas agendas das escolas. Por exemplo, eu tenho levado o tema do colonialismo, e ao falar do colonialismo e da guerra colonial é uma oportunidade para eu falar sobre o racismo que existe na nossa sociedade, para explicar que Portugal esteve envolvido no tráfico transatlântico de escravizados, o que para muitas crianças é uma novidade, que eles têm, digamos, essa ideia mitificada do que é que foi a história portuguesa, só, tipo, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, todos os grandes heróis, e, depois, contar esta história de que Portugal esteve, foi responsável quase por metade de todo o tráfico transatlântico de escravizados. É um embate forte que, às vezes, as pessoas reagem, mas que as faz pensar. Ou como pessoas que levam temas sobre as questões, a LGBT, sobre a discriminação na escola, sobre a violência a pessoas com diferente orientação sexual, como é que isto também acaba por fazer pensar diferente. E, no fundo, para que você tenha uma ideia, “O Ces Vai à Escola”, no último ano, terá chegado a 4.500 crianças. Toda a atividade do CES, conferências, palestras, seminários, escolas de verão, chega, por ano, a umas 15 mil pessoas. Então nós estamos a querer dizer que “O Ces Vai à Escola”, uma atividade até de bastante baixo custo, não é? Que são, na verdade, os professores que organizam as nossas sessões, “O Ces Vai à Escola” é quase um terço do público a que o CES chega. Isso é muito significativo, não é? Quando nós, muitas vezes, sabemos que se escrevemos um artigo numa boa revista, talvez tenhamos 10 pessoas a lê-lo até ao fim, não é? Então isso é muito rico, é muito significativo, e o retorno tem sido muito, muito bom. Os investigadores e as investigadoras que estão envolvidos neste “O Ces Vai à Escola” sentem também que cumprem um pouco o seu papel social, ao

poderem falar com outros públicos, ao sairmos da nossa bolha acadêmica, e perceber que existe, por exemplo, em relação ao racismo, um senso comum que faz supor que ele não existe, e que Portugal não é um país racista. E se nós queremos falar sobre isso, nós temos que dialogar com esse senso comum hegemônico e dominante que está estabelecido na sociedade portuguesa. Então eu creio que “O Ces Vai à Escola”, sim, é uma atividade de extensão que não é uma atividade que tem, muitas vezes, a força e a criatividade de algumas que eu vejo no Brasil, de intervenção social mais forte, mas eu creio que tem a potência de deixar uma semente, uma semente acerca daquilo que pode ser a academia e uma semente acerca daquilo que pode ser o nosso olhar em relação às diferentes formas de injustiça social, injustiça machista, injustiça heterossexista, injustiça racista, nas diferentes agendas, eu acho que nós temos que nos posicionar na sociedade de uma forma muito forte, através do “O Ces Vai à Escola”.

Entrevistador: Professor Bruno Sena Martins, o seu trabalho é publicado em diversos países, incluindo o Brasil. E, possivelmente, você orientou ou orienta estudantes brasileiros em diversos níveis acadêmicos, em especial, estudantes do Programa Abdias Nascimento⁴, que visa incrementar o intercâmbio acadêmico entre instituições de pesquisa, ensino superior no Brasil e no exterior, bem como atender, preferencialmente, a candidatos de grupos racializados em especial a população negra. Você poderia comentar a sua experiência nesse contexto?

Bruno Sena: Estou já envolvido neste Programa⁵ Abdias Nascimento há três, quatro anos, e, através desse programa, nós já recebemos em Coimbra cerca de dez estudantes negros, este ano vamos receber mais três estudantes

negros que estão na academia, em diferentes fases, alguns na graduação, outros no doutorado, estudante, outras e outros, e tem sido uma experiência muito rica porque, de fato, nós sabemos que no Brasil se estabeleceu uma política que permitiu a chegada de estudantes à universidade, estudantes negros, estudantes vindos do ensino público, e o que este Programa Abdias Nascimento permite também a que esses estudantes possam ter a oportunidade de fazer intercâmbio, muitas vezes por questões económicas, por questões de acesso, até, às bolsas, não é? O que nós víamos e sentíamos no CES é que muitos dos estudantes brasileiros que cá chegam são os estudantes que já vêm de percursos mais “privilegiados”. É um pouco normal que assim seja em termos da estruturação das possibilidades de acesso a estudar no exterior. E, de alguma forma, este Programa Abdias Nascimento reverte isso, permite a chegada dos estudantes negros, estudantes que vêm de famílias de periferia, estudantes que têm uma história, que estão enquadradas em contextos sociais de baixa renda. E outra coisa muito interessante nestes estudantes é que muitos deles têm como pauta de agenda de investigação a questão racista, do racismo, a questão negra, seja nas artes, na questão da dança, seja na questão do currículo, seja na questão da educação, a agenda antirracista aparece muito forte nesses estudantes que eu tenho tido a oportunidade de orientar, e aprender muito com eles e com elas. E isso é significativo porque nós poderíamos esperar, muitas vezes, que aquela metáfora da pessoa que ascende a um determinado lugar e que “chuta escada”, não é? “Eu sou negro, estou no CES e vou “chutar”, já não quer saber de negros para nada porque agora sou um branco como os outros”, não é? E o que nós vemos nesses estudantes é uma preocupação, realmente, em se relacionarem com

as suas raízes, em termos familiares, com as suas políticas, que têm a ver com os seus locais de residências, com as comunidades de afeto, e de trazer a questão do racismo para o espaço acadêmico. Isso tem sido uma experiência muito rica e, de alguma forma, tem sido uma experiência que tem ajudado a enegrecer o CES, de se fazer com que a paisagem do CES também possa ser ela mais negra, ou seja, que a representatividade negra no CES e na Universidade de Coimbra, também, possa, de alguma forma, ser mais significativa, eu acho isso bastante importante. E tem sido uma experiência de retorno. Eu tenho, como disse, publicado no Brasil, também, sobre as grandes questões que se ligam com, com a experiência colonial, com, com o racismo, e essa troca, para mim, tem sido muito forte, um dos aspetos que, de fato, tenho aprendido mais com o contexto brasileiro tem sido, realmente, a força da extensão. Ou seja, a criatividade que existe na extensão, no trazer o saber notório para as universidades, no trabalho que tem sido feito. Neste momento, por exemplo, eu estou a orientar, aqui em Coimbra, uma estudante que está a fazer um trabalho sobre quilombos. A questão das comunidades quilombolas, que não é só a questão dos grupos negros na cidade, ou não é só a questão da academia, da universidade. Como é que essas diferentes perspectivas do movimento negro são inscritas em diferentes âmbitos de politização, também me tem ensinado bastante. E a potência que existia ou que existe em muitos, não vou dizer que é geral, não é? Mas em muitos lugares da universidade brasileira, de professores engajados e de professoras engajadas de departamentos, com essas lutas antirracistas, que têm a ver com a questão do movimento negro, e também com a questão do movimento indígena. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com quem eu tenho trabalhado a questão do movimento

indígena também, está muito fortificada. Então eu diria que sim, que a experiência do Brasil, a ligação que eu tenho tido ao movimento social negro e o modo como a orientação dos estudantes me tem trazido essas aprendizagens tem sido, também, um enriquecimento muito forte que se relaciona, no fundo, com uma dimensão que acho que está a surgir e que está a crescer, que é esta ideia de uma identidade afrodescendente global, ou seja, como é que diferentes comunidades afrodescendentes, em diferentes lugares do mundo, se fortificam pela partilha dessas experiências, pela circulação de experiências. Nós vemos, agora, há a década internacional dos afrodescendentes, que é, obviamente, uma proposta institucional, mas eu acho de uma forma, em termos dessas trocas de experiências, e falo aqui mais particularmente entre o Brasil e Portugal, eu sinto que pode haver, digamos, um fortalecimento mútuo de agendas antirracistas.

Entrevistador: Professor Bruno Sena Martins, você tem acompanhado o acesso da população negra nas universidades brasileiras, poderia comentar um pouco mais sobre esse fato?

Bruno Sena: Em primeiro lugar, eu queria assinalar a fortíssima transformação que as cotas proporcionaram naquilo que é a paisagem humana das universidades brasileiras. Não me esqueço da experiência que eu tive quando cheguei ao Brasil, acho que a primeira vez em 2008, e lembro-me de estar em Belo Horizonte, no centro da cidade, e ver, realmente, uma elevadíssima percentagem de população negra. Quando eu cheguei à universidade eu fiquei estupefato porque não via um negro ou uma negra, e até perguntei, em comentário, um pouco assustado ou sem entender: "Então não há negros aqui na universidade?", e, de fato, era

impressionante o contraste entre o vir do centro da cidade, e chegar à universidade e não ver negros. Eu lembro-me que fui convidado, em 2016, para fazer uma palestra na Formação Transversal em Relações Étnico-Raciais. Então, digamos, oito anos depois, e aquela sala de conferências, aquele auditório tinha 600 pessoas, cerca de 300 pessoas negras, e não era só o fato de serem negras, que estavam, realmente, com uma, que vestiam uma identidade negra: nos cabelos, na roupa que usavam, no modo como estavam, obviamente, politizados na relação com as coisas que ia dizendo, com a questão do racismo. Então isso criou uma transformação muito significativa, criou um espaço de possibilidade para a presença de negros na universidade que, depois, obviamente, qualificados, também têm outra força e outra presença social que o futuro nos virá mostrar. Eu acredito que, de fato, as cotas funcionaram, assim como permitiram o fortalecimento da agenda e do movimento negro, e da sua capacitação e fortalecimento acadêmico, de tal forma em que o gênio já não pode ser colocado outra vez dentro da lâmpada. Então eu creio que isto foi, realmente, um caminho sem volta, obviamente que o quadro político que, hoje, vivemos é um quadro de retrocessos, mas eu acredito que essa potência não pode ser revertida. Então, para mim, foi muito impressionante, e isso, em Portugal, nós estamos lutando para que possam existir censos que permitam fazer a identificação étnico-racial da população portuguesa, para a existência de políticas afirmativas porque, muitas vezes, esses dados étnico-racial são recolhidos para dominar, não é? Pelas políticas, pelas outras. Mas nós queríamos, de fato, que esses dados pudessem ser usados para a criação de políticas afirmativas, a percentagem de negros dentro das universidades, por exemplo, se nós olharmos em volta, nós

vemos um negro que se reconhece como negro, que passeia no espaço acadêmico universidade, a experiência esmagadora é ser o único na sala. Eu sempre fui o único negro na sala. Então esta é a minha experiência esmagadora e, portanto, eu vejo com toda a pertinência a existência de cotas, ações afirmativas que reponham essa profunda injustiça histórica que coloca o negro dentro do espaço do pós-abolicionismo, não é? De um, de um espaço segregado que ainda tem uma ligação forte àquilo que era o espaço segregado da escravidão ou o espaço do colonialismo, no contexto português, em que o negro sempre ocupa um lugar servil ou subalterno e, quando veio para Portugal, foi, realmente, colocado de novo nesse espaço servil, subalterno e periférico. Então, por um lado, eu vejo isso das cotas como importante. A educação da cultura africana, acho fundamental para quebrar com essa narrativa eurocêntrica que faz com que em muitas universidades africanas seja mais fácil ouvir falar de filósofos alemães do que da história daquelas, daqueles países e daquele contexto. Então eu acho isso essencial, acho que essa lei que foi colocada no Brasil é importante, no sentido em que permite um deslocamento daquilo que é uma educação que ...nós não podemos esquecer que o Brasil é um país profundamente eurocêntrico, cuja independência foi feita através das elites brancas descendentes de portugueses, que teve uma... a independência foi uma saída imperial, sequer foi uma saída republicana. E, portanto, essa história na política, nas universidades, no espaço público e no conhecimento era uma história e um conhecimento profundamente eurocentrado e eurocêntrico. É preciso ocupar esses espaços com aquilo que foi a história de África e com aquilo que foi e que é a luta dos negros e dos afrodescendentes. Obviamente que isso é uma coisa que leva tempo. E um dos perigos é o

perigo de falarmos de África, desde logo. África é um continente imenso, de imensos países, com uma diversidade étnico-religiosa imensa, e que, muitas vezes, falarmos de África, assim, já é uma leitura quase colonial que fazemos de África. E eu tenho tido essa experiência de fazer algum trabalho em diferentes contextos africanos, pós-coloniais, e é verdade que existe uma história comum, a história do colonialismo, com pequenas exceções. Mas temos que, realmente, conhecer um pouco aquilo que é a diversidade do continente africano e dos países que o compõem, e das realidades sociais que o compõem. E ao falar de África temos que falar com complexidade. Temos que entender as contradições, os paradoxos impostos, também, pela experiência colonial. Não existe uma África pura pré-colonial. Essa África não existe. O que existe, sim, é um contexto que foi colonizado, que tem muitas heranças eurocêntricas, também, e que, nesses países se debatem com esse legado muito forte. E, no segundo sentido, falar de África é também falar de... não podemos não só omitir, ver África como um todo, não podemos mitificar como se existisse uma espécie de África pré-colonial, que pudesse ser convocada ao nosso jeito, digamos, construir o passado a partir da nossa experiência do presente, e, sobretudo, temos que estabelecer uma relação com aquilo que é a África contemporânea, ou com as realidades do continente africano, contemporaneamente. São realidades que têm outras políticas, têm lutas sociais, que têm conflitos que são marcados pelas lutas económicas do capitalismo global, que são marcadas, obviamente, pelas questões do racismo, que são marcadas pelos lugares coloniais, pela procura e tentativa de criação de novas agendas políticas que se libertem do jugo colonial. Mas são realidades muito dinâmicas, muito heterogêneas, muito diversas. E, muitas vezes, a ideia da história da África contada assim

acaba por reproduzir um pouco essa narrativa eurocêntrica, nessa ideia de se constituir uma mitificação que está desligada das dinâmicas contemporâneas, e que não permite aquilo que nós falávamos há pouco, no fundo, esse intercâmbio de experiências. E esse intercâmbio de experiências faz-se com as pessoas que, hoje, vivem no continente africano, com os movimentos sociais, com as lutas sociais que lá existem, que eu acho que elas são muito enriquecedoras para pensarmos o que seria essa história. Portanto, eu diria que acho meritória esta ideia de que é importante um olhar para o continente africano, para a história do continente africano porque é uma história que é fundadora da biografia e da experiência de grande percentagem da população brasileira, e acho que deve ser feita de uma forma crítica que tenha em atenção a heterogeneidade do continente africano, e que tenha em atenção as dinâmicas sociais continuadas e complexas que hoje se vivem, também, em vários lugares desse continente.

Entrevistador: Professor Bruno Sena Martins, as sociedades contemporâneas têm discutido a questão da sustentabilidade, as suas investigações também contemplam esta temática?

Bruno Sena: Quando fala de sustentabilidade, fala em termos económicos, degradação ambiental?

Entrevistador: A relação ambiental.

Bruno Sena: Eu filio-me muito na ideia de que a sociedade em que vivemos é profundamente desigual e injusta, que essa desigualdade tem uma profunda marca racial e colonial, não é? Não é à toa que nós vemos, por exemplo, as populações que vivem os desastres ambientais, os desastres que

não são desastres, os crimes econômicos e ambientais que são produzidos. Eu estive a trabalhar em Bhopal, na Índia. São populações que, invariavelmente, pertencem a grupos vulnerabilizados, a negros, indígenas, a pessoas de baixa casta e, portanto, existe, obviamente, uma desigualdade. Como é que neste mundo perigoso e desigual essa violência tende a abater-se sobre essas populações. E, por outro lado, numa outra dimensão, é tentar entender que nós para repensarmos a nossa vida em sociedade e os perigos de uma degradação ambiental que, hoje em dia, com a questão do aquecimento global, que vai ser a agenda no século 21. Nós, para confrontarmos isso, temos que aprender com as experiências do mundo, como diz Boaventura de Sousa Santos. E as experiências do mundo é aprender com aquelas populações que têm uma relação mais densa, digamos, com aquilo que são os patrimônios naturais, ou aquilo que é a biodiversidade, com a importância de nós cuidarmos daquilo que nós, eurocentricamente, chamamos natureza, não é? E aí eu acho muito interessante que nós temos que aprender, obviamente, com as experiências dos povos indígenas, temos que aprender com as experiências dos quilombolas, que têm, também, uma relação com o território e com a natureza que é mais rica porque é uma relação de interconhecimento, é uma relação que, muitas vezes, vê a natureza como sagrada, é uma relação em que, muitas vezes, vê o território como um espaço onde estão os antepassados, o espaço onde estão enterrados os seus mortos. E essa visão da natureza, que não é o outro do humano, mas que é também humana, nesse sentido, eu acho que é essencial para nós que significamos a nossa vida em sociedade e os limites que, necessariamente, temos que pôr à lógica de acumulação capitalista, no modo como essa lógica de acumulação

promove uma injustiça social extrema, uma profunda degradação ambiental e como é que ela acaba por reforçar as lógicas do racismo e colonialismo, que estão colocadas no mundo em que vivemos. E, portanto, reverter essas injustiças significaria, necessariamente, nós darmos voz ou... reconhecermos os conhecimentos, os saberes e as experiências das populações que há longo tempo lutam contra o domínio colonial racista. Eu creio que isso é uma aprendizagem que será essencial, portanto, para nós confrontarmos o Século XXI em termos que possam produzir um respeito pela biodiversidade, que possam criar agendas de emancipação social e outras lógicas de desenvolvimento económico que nós temos falado, e essa questão coloca-se muito... Ah! O racismo é uma questão identitária? Não. Eu acho que o racismo tem que estar profundamente ligado às questões de classe social, às questões de distribuição da renda e às questões de preservação e cuidado com o ambiente, porque estas questões cruzam e não podem ser separadas. E, portanto, eu acho que nós nos devemos defender, muitas vezes, dessa acusação, como a certa leitura da política contemporânea se faz, que é, por um lado estão as causas materiais, a economia, o capitalismo, a questão da classe, e por outro estão as reivindicações dos grupos identitários, LGBT, negros, mulheres. Ou seja, essa dicotomia, para mim, não faz sentido porque nessa ideia de que só podemos pensar a sustentabilidade na luta contra a injustiça, eu acho que estas agendas têm que estar bastante interligadas e a luta contra o racismo tem que ser também uma luta contra o capitalismo predador.

Entrevistador: Professor Bruno Sena Martins, muitíssimo obrigado pela entrevista.

Bruno Sena: Obrigado!

Notas

*Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-doutorado em andamento no Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra Portugal.

¹ POLITICS - A política de antirracismo na Europa e na América Latina: produção de conhecimento, decisão política e lutas coletivas. Este projeto recebe financiamento do Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro de Investigação e Inovação da União Europeia, Horizonte 2020 (acordo de subvenção nº ERC-2016-COG-725402). <https://ces.uc.pt/pt/investigacao/projetos-de-investigacao/projetos-financiados/politics>

² Através dela pretende-se contribuir para a divulgação do conhecimento produzido em diferentes áreas das Ciências Sociais e das Humanidades, através da partilha do trabalho de investigação desenvolvido na nossa instituição. <https://www.ces.uc.pt/extensao/cesvaiaescola/#me>

³ Ver: Boaventura de Sousa Santos. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes.< https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para_alem_do_pensamento_abissal_RCCS78.PDF

⁴ Ver: Portaria nº 1.129 /2013.<<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/portaria-MEC-n-1129-de-17-11-2013.pdf>

⁵ Ver: “Roda de Conversa” - Programa de Desenvolvimento Académico Abdias Nascimento: deslocamentos, saberes e experiências em 19 fev.2018. A roda da conversa visou a partilha de experiências e reflexões a partir dos testemunhos de estudantes que desenvolveram atividades académicas no âmbito do intercâmbio promovido pelo programa de desenvolvimento académico Abdias Nascimento, citamos como exemplo a participação dos estudantes: Carlos Piedade - Universidade Federal da Bahia, Guilherme Augusto - Universidade Federal de Minas Gerais, Jacira Barbosa - Universidade Federal da Bahia, Natália Maia - Universidade Federal da Bahia, Thais Ferreira - Universidade do Estado de Minas Gerais. <https://ces.uc.pt/pt/agenda-noticias/agenda-de-eventos/2018/programa-de-desenvolvimento-academico-abdias-nascimento/apresentacao>